

O caso de Alcebíades Vargas da Cunha, vulgo Gaiteiro: uma análise do crime e cotidiano (Erechim/RS – 1950)

Daniel da Silva Amorim

Graduando do Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim (UFS)

daniel_amorim@live.com

1. Introdução

Na presente idealização de pesquisa, almeja-se conhecer a história de sujeitos anônimos, através do encontro com o Arquivo Público. O intento é ouvir as vozes de personagens que fazem suas vidas nos confins do Brasil, seja do modo mais correto em relação às leis, seja aqueles casos onde a linha do legal e ilegal é transgredida recorrentemente. Sujeitos que estão vivendo, caminhando, trabalhando, amando, odiando, prestando depoimentos e cumprindo penas. É atrás dessas pegadas que iremos.

Após horas dedicadas entre as caixas e folhas datilografadas, Alcibiades Vargas da Cunha se apresentou de forma inesperada. Sua audácia em fazer que seja contada sua história, através dos registros deixados merece um minuto de silêncio, para refletir, ouvir e enxergar o que está em jogo nesse processo crime. Um homem negro, morando em Capo-êre, que trabalhava com Dorvalina de Tal (até o momento sem sobrenome), cortando lenha para um colono bem estruturado da região, surge quando comete um homicídio, com isso, essa linha solta, uma caixa sem identificação no arquivo, será puxada e desatará tantos nós - sua ficha criminal - que faz saltar os olhos a cada folhar de páginas.

Para compreender o cotidiano e as relações de trabalho e compadrio de Erechim em meados do século XX, protagonizado por sujeitos racializados, os processos crime se apresentam como uma fonte rica de possibilidades, e é com elas que esta proposta se compromete em trabalhar. Os processos criminais são fontes abundantes na cidade, nela pode-se obter o depoimento dos sujeitos envolvidos no crime, bem como as testemunhas e as autoridades, todos em busca de expor uma versão convincente de sua participação naquele momento histórico.

Inicialmente foi identificado uma caixa de arquivo, sem identificação, envolvendo o réu Alcebíades, nela contém a denúncia do crime, informações da vida pregressa do réu, informações sobre a localidade onde ocorreu o homicídio e diagnósticos médicos sobre a periculosidade deste sujeito, além de depoimentos de testemunhas.

Nesse processo criminal observa-se que Alcebíades Vargas da Cunha era um homem de vida conturbada, atravessada por conflitos com outros trabalhadores, conhecidos de bares e companheiras, o que o levou a muitas passagens pela polícia. Seu processo será compreendido do final, ou melhor, do último registro encontrado até o momento, quando finalmente cometeu seu erro capital, matando sua companheira, como afirmaram as testemunhas, e é diagnosticado com “personalidade psicopática” pelos psiquiatras do Instituto Psiquiátrico Forense de Porto Alegre.

2. Metodologia

A presente pesquisa trabalhará com o processo crime nº 33.20, aberto em 1957, essa fonte documental é abundante no Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font, localizado na cidade de Erechim. Para tecer uma história social parte-se de protagonistas que são pessoas comuns, até então anônimas para a historiografia, para isso será utilizada “uma abordagem metodológica calcada na microanálise dos processos-crime, os quais possibilitam ao historiador uma interessante via de contato com os diversos atores sociais envolvidos” (MAGALHÃES; BENDER, 2011, p. 33-34).

Nesse sentido, também se busca apoio no campo da micro-história, tal como “Domenico Scandella, dito Menocchio” (GINZBURG, 2006a, p. 9) surge “por acaso” nas pesquisas de Ginzburg, Alcebíades e Dorvalina de Tal vão emergir entre as caixas empoeiradas mais de 60 anos depois para auxiliar na compreensão do período históricos que vivenciaram, os anos 50, nas relações cotidianas de trabalho e lazer vivenciadas nos subúrbios e áreas rurais de Erechim.

Apesar de não se tomar os documentos como fontes da verdade, pois segundo a reflexão de Ginzburg (1990/1991b), tais fontes são resultado do aparelho estatal que busca manter o controle da ordem, elaborado por agentes imbuídos de valores e intenções, que pinçam partes da realidade e registram o que lhes é útil, mesmo diante disso, essas fontes podem revelar momentos da história regional relevantes para a compreensão da vida cotidiana dos trabalhadores, e da presença da população negra nos trabalhos de agricultura na região.

3. Resultados e discussão

Na noite de 3 de agosto de 1957, Alcebíades e Dorvalina de Tal decidiram visitar seu vizinho Redelcino da Silva. Redelcino vivia com Madalena de Oliveira e sua mãe, Maria Ana da Rosa, em um rancho cedido por Ernesto Rigo. Após algum tempo conversando, o casal se despediu e voltou para casa. Alcebíades então avisou Dorvalina que sairia para uma caminhada, deixando-a encarregada do jantar. Ao retornar, encontrou sua mala de roupas aberta e percebeu que suas economias haviam sumido, o que levou a uma discussão. Conforme relatado no autos, Alcebíades questionou Dorvalina sobre o por que ela não cuidava de suas coisas, destacando que, desse jeito,

seu trabalho era em vão. A discussão se acirrou e, em meio à briga, Dorvalina cuspiu no rosto de Alcebiades. Tomado pela raiva, ele a segurou pelo pescoço e a arremessou contra a parede, próxima à cama.

Dorvalina caiu, já sem vida, dada a intensidade do frio naquela noite de inverno, Alcebiades colocou um casaco sobre ela para aquecê-la, enquanto ele deitava perto do fogo. Na manhã seguinte, notou que Dorvalina ainda parecia dormir. Preparou seu café e saiu para cortar lenha, retornando mais tarde com Redelcino e Ernesto. Os três comeram juntos, sem perceber que Dorvalina já estava morta. No período da tarde, Alcebiades voltou à casa de Redelcino para cortar o cabelo e pediu a Maria Ana e Madalena que chamassem Dorvalina para tomar um chimarrão, pois ela estava muito quieta. As mulheres atenderam prontamente ao pedido e, ao chegarem ao rancho, descobriram que Dorvalina estava morta.

Essa comunidade residente em Capo-Ere, distrito de Erechim, era composta por trabalhadores negros que trabalhavam na picada de lenha por empreita, ao final do serviço, se deslocaram para outra propriedade para trabalhar nas tarefas que surgirem, até mesmo a casa onde moram é cedida temporariamente pelo colono, nela Alcebiades relata que a porta da casa “não tem tramela, e quando venta muito à noite, a tábua da porta cai” (Alcebiades Vargas da Cunha, nº 33.20, sem id., 1957), demonstrando os desafios vividos por uma população que a cada dia busca garantir sua sobrevivência.

Neste processo, o réu é submetido a exame de periculosidade, nos moldes da antropologia criminal, uma vez que “a avaliação levava em conta não apenas o ‘estado mental’ quando da consecução do crime mas, principalmente, a possibilidade da realização de futuros delitos: o acusado representa perigo, pode voltar a prejudicar a sociedade?” (KUMMER, 2012, p. 11). No caso do réu desta pesquisa, o diagnóstico afirma se tratar de um sujeito com psicopatia, que oferece perigo à sociedade. Para compreendermos a influência desse diagnóstico médico, será realizada revisão bibliográfica sobre a temática da ciência e da saúde e conhecer a produção que cruza os processos criminais com as intervenções psiquiátricas.

Ao fazer a análise do processo, encontra-se os antecedentes criminais do réu, que foi condenado outras 5 vezes, dentre elas são 4 condenações por infringir o artigo 129 do Código Penal, ou seja, por cometer o crime de agressão física a outra pessoa, e uma condenação por defloramento de uma criança de 12 anos. Essas pessoas que Alcebiades impõe violência física são em sua maioria mulheres, sendo Etelvina de Oliveira a primeira delas, seguido de Maria Dorvalina de Oliveira e também Sebastiana de Oliveira, todas mulheres da mesma família. Além dessas mulheres, o Guarda Noturno João Setini também conhecerá Alcebiades quando o réu o agredir com um facão.

4. Considerações finais

Olhar para os relatos de testemunhas, juízes, réus e médicos proporciona a imersão no tempo passado e revela as relações de compadrio realizadas entre trabalhadores, as manipulações entre réu e autoridade policial, de mesmo modo em relação aos patrões e a agressividade em relação aos desiguais em poder. Todas essas relações, tecem uma história de vida de um sujeito negro, marcado por prisões, relacionamentos, sonhos de vida e seu comportamento em uma cidade que orgulha-se da formação étnica europeia.

A família de Etelvina de Oliveira teve grandes dificuldades com a relação próxima com Alcebiades, uma vez que ele foi responsável por agir com violência com mãe e duas filhas, uma vez que Alcebiades impõe o respeito por si e por sua honra a partir da violência física, especialmente quando está sob efeito de álcool, como se observa nos autos. Certamente o protagonista desse processo não é exceção no contexto de violência contra a mulher, e seu caso demonstra que os crimes cometido por Alcebiades alcançam a redenção enquanto este se mostra um homem trabalhador, disciplinado e obediente às autoridades da Casa de Correção, tendo conseguido “diversos louvores” dos administradores da penitenciária. Esse caso não tomou grandes proporções em Erechim à sua época, o que evidencia a naturalização de tais crimes na ordem patriarcal da sociedade brasileira.

Referências

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006a. p. 9.

GINZBURG, C. “O inquisidor como antropólogo”. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, vol. 11, n° 21 - set. 1990/fev. 1991b.

ROSEMBERG, A; SOUZA, L. A. F. de. Notas sobre o uso de documentos judiciais e policiais como fonte de pesquisa histórica. **Patrimônio e memória**, Marília, v. 5, n. 2, p. 159-173, dez. 2009. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/175/534>. Acesso em: 05 dez. 2023.

MAGALHÃES, M. L.; BENDER, L. P. Histórias desveladas: os processos-crime como fonte histórica. **Revista Práxis**, [S. l.], v. 1, p. 29–36, 2011. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/709>. Acesso em: 28 nov. 2023.

KUMMER, L. O. **A psiquiatria forense e o Manicômio Judiciário do Rio Grande do Sul : 1925-1941** 2010. 157 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Cap. 1. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/26911>. Acesso em: 26 nov. 2023.

Fontes de pesquisa

Processo criminal pesquisado no Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font:

Alcebíades Vargas da Cunha, réu; Ação Penal Ordinária, Escrivania do Jurí de Erechim, nº 33.20, caixa sem identificação, 1º maço, 170 fls., 1957.